



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

SER POLICIAL: REPRESENTAÇÕES SOBRE UMA PROFISSÃO DE RISCO

Larissa Jucá de Moraes Sales

Letícia de Sousa Araújo

Universidade Federal do Ceará - UFC

larissa.sales@gmail.com

leitica.araujo28@gmail.com

O presente trabalho tem como foco de análise as representações sociais dos policiais do Batalhão de Choque da polícia militar do Ceará, busca-se compreender como estes profissionais entendem o seu trabalho e constroem concepções sobre si mesmo, quer-se perceber como estes atores sociais percebem os dilemas e riscos que permeia o ambiente ao qual estão inseridos profissionalmente. Para este fim, utilizamos o recurso da entrevista com o objetivo de dar voz a esses sujeitos entendendo como esses policiais produzem narrativas sobre suas vidas sociais.

Entendemos que estudar o trabalho policial, não é apenas reproduzir as críticas do senso comum com relação à truculência destes profissionais, a inoperância deste serviço e a corrupção existente, muito menos torná-los heróis da sociedade. Na realidade, a tentativa do sociólogo, e que agora fazemos, é verificar a real situação de um grupo ou um fenômeno em um contexto social, nossa intensão é perceber na prática como se estabelecem as relações sociais e como estas são constitutivas deste objeto de estudo. Então, tomar a polícia como foco é perceber os aspectos do seu trabalho frente os imponderáveis da própria profissão. Profissão em que está em jogo questões como honra, determinação, sacrifício e o próprio medo, principalmente por lidar com situações de perigo.

Como uma das instituições representantes da lei e da ordem no Estado, a Polícia Militar, em princípio, tem como objetivo a preservação do estado democrático de direito. A ela cabe a tarefa de manter sob sua custódia o bem estar da sociedade frente à criminalidade e à violência, exercendo certo domínio legal e extralegal no cotidiano da população (SÁ, 1999).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Contudo, importantes estudos sobre as instituições policiais e suas atividades profissionais trazem à tona o descompasso entre a imagem do policial enquanto servidor público e a imagem de um ser repressivo, a serviço do poder (BRETAS, 1997; MUNIZ; PROENÇA JUNIOR, 1997). Tais estudos nos mostram o “choque de realidade” que o policial sofre ao perceber que o trabalho ostensivo diário ultrapassa as normas aprendidas nas academias de formação (MUNIZ, 1999), indicam, também, a carência de recursos materiais e humanos como problemas que permeiam as Polícias Militares do país.

Considera-se também as condições insalubres do próprio trabalho policial, nas quais estão submetidos ao desgaste físico, 'stress', sofrimento psíquico, além do próprio risco da profissão. Essas condições provocam danos psicológicos aos policiais, às vezes de caráter permanente, que em casos mais graves podem até levá-los ao suicídio.

Outras condições estão ligadas a repetição exaustiva dos serviços com tarefas padronizadas, impossibilitando criatividade; a própria hierarquização e doutrina militar - que molda o indivíduo, dando-lhe a rigidez da corporação; e falta de reconhecimento e de perspectiva quanto ao crescimento profissional. Trata-se de reclamações pertinentes que provocam cicatrizes nesse tipo de profissional como afirma Minayo e Souza:

[Estudos] apontam algumas condições associadas às formas de organização do trabalho e propiciadoras de sofrimento: medo relacionado à fragilidade corporal quando exposto a determinada condição de trabalho; medo moral relacionado ao julgamento dos outros; tédio por realizar tarefas desvalorizadas; sobrecarga de trabalho; ininteligibilidade das decisões organizacionais; conflitos entre os valores pessoais e os da organização; dúvidas sobre utilidade social do trabalho realizado; sofrimento de injustiça; além do não reconhecimento expresso pela falta de retribuição financeira, moral ou por mérito. (MINAYO; SOUZA, 2003, p.194)

Atualmente, a Instituição Policial Militar cobra insistentemente a habilidade de improvisação, iniciativa, criatividade e o bom discernimento dos policiais. Estando em suas mãos e sob sua responsabilidade a capacidade de intervir em diferentes situações, muitas delas emergenciais, envolvendo risco de vida. O policial deve aprender a lidar com os imponderáveis que compõem a realidade do seu ofício, pois ele é cobrado pelos



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

diversos setores da sociedade a atuar prontamente em meio às precárias condições de trabalho.

Além disso, o trabalho policial envolve uma mística da própria profissão, certo senso de missão no qual o policial deve estar à disposição da sociedade para proteger e livrá-la da criminalidade. Nesse sentido, a carreira militar cobra uma adesão total do indivíduo, um exercício disciplinado da abnegação, certo sofrimento individual com longos períodos de privações e a valorização do sacrifício como questão de orgulho e honra (MUNIZ, 1999; SÁ, 2002), “relaciona-se com as questões relativas à vida e à morte, como a medicina, o sacerdócio etc., [é] também revestida de uma roupagem mística e desperta uma razoável dose de mistério e curiosidade” (MUNIZ p.99)

A condição militar imprime sob os policiais marcas indelévels, na verdade, ela representa uma condição humana, um jeito de estar e agir no mundo. O indivíduo que escolhe esta profissão, está marcado com os preceitos e doutrinas aprendidos e incorporados, pois esta instituição exige certo grau de fidelidade e compromisso que conduzem o integrante ao exagero nas normatizações comportamentais, ou seja, sua vida traduz-se em regras e ordenações.

Escolher a carreira militar é, para o indivíduo, provocar mudanças estruturais em sua vida cotidiana, no qual o policial abdica de uma vida civil, circunscrita a um “cidadão comum” e passa a ter uma vida civil-militar, isso corresponde a um comportamento rígido pautado na doutrina militar com um senso em comportamentos éticos. Representa mais do que uma escolha meramente profissional e sim um verdadeiro estilo de vida, na qual a missão, no plano teórico, é “proteger e servir” (GROSSI 2004; MUNIZ, 1999; SÁ 2002).

Tomando como base as narrativas de policiais militares ao falar do seu trabalho, considera-se relevante observarmos também as regularidades em suas falas na qual recorrem a palavras que nos remetem ao plano imaginário como: deve ser. Ao serem interpelados, questões como honra, sacrifício, abnegação e coragem revelam muito do que eles pensam ser a profissão. Estes são valores sociais que expressam, em certa medida, a vida simbólica destes atores sociais. Valores como estes contribuem para a formação de auto-imagem específica de um grupo com sentimentos de pertencimento



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

que os identificam, no caso do Batalhão de Choque da Polícia Militar do Ceará. Ao serem questionados com quais desses elementos mais se identificavam, verificamos escolhas variadas, porém os significados dados foram bastante semelhantes:

A coragem representa o policial diante do perigo e a gente tem que vencer esse obstáculo, a gente não pode demonstrar medo. Já a abnegação, a gente sempre faz isso, sempre coloca a nossa vida em jogo pra salvar um cidadão de bem... e o sacrifício... bem, o sacrifício é a nossa rotina né? Mesmo quando a gente ta de folga, assim, fora do serviço sabe... Quando ligam pro nosso celular a gente tem que vir pra cá. (Depoimento do soldado do Batalhão de Choque da PMCE 20/09/2010).

Vale ressaltar que todos os chamados, “vindos de cima”, devem ser prontamente atendidos dentro da lei e sem questionamentos, como uma missão a ser cumprida, respeitando rigorosamente o esquema hierárquico de patentes seguido por todas as instancias militares. Caso um subordinado não execute a missão imposta, sua atitude “displicente” é caracterizada como uma “insubordinação”, podendo levar uma advertência, ir para a revista e em casos mais graves ser substituído de companhia. Dessa forma, a presteza e a iniciativa são valores que os policiais buscam por em prática no seu dia-a-dia, visto que, uma missão bem executada, gera recompensas individuais ou coletivas como a dispensa de serviço ou premiações internas através de certificações, e até mesmo importantes gratificações ou condecorações.

Durante nossas conversas com os entrevistados observamos também o que Muniz (1999) expõe sobre casos que favorecem a “elaboração de sentimentos de união e cumplicidade”, pois ao serem perguntados sobre como eles acharam que ficou a imagem da própria PM após o caso Bruce¹, percebemos certa “comoção” em defesa do colega de profissão. Nenhum deles apoiou o ocorrido, mas lamentaram o incidente e se colocaram na condição do policial, comentando: “poderia ter sido eu”. Reafirmaram o risco da profissão e o receio de errar em determinadas situações, pois muitas vezes, suas atitudes devem ser escolhidas em segundos, dispendo de pouco tempo de raciocínio.

¹ O adolescente Bruce Cristian de Oliveira de 14 anos estava em uma moto com seu pai, enquanto um Policial do Ronda do Quarteirão em uma abordagem desastrosa atira em direção aos dois. O tiro atingiu o adolescente que morreu no mesmo instante. Foi um ato indevido que culminou na expulsão do Soldado da Corporação.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

De acordo com Sá (2002) a vida intramuros exige um bom comportamento através de procedimentos de enquadramento e disciplina, promovendo o desenvolvimento de uma identidade social, no qual os indivíduos se reconhecem como integrantes de uma coletividade. A construção identitária é constituída por meio desses corpos disciplinados, o indivíduo é o sujeito capaz de gerenciar o auto-reconhecimento através da cultura do grupo. Entrar na carreira militar é exemplo de motivação e orgulho. Muitos dos policiais entrevistados foram inspirados por pais e tios a seguirem esta profissão. Segundo estes atores sociais, os exemplos “dentro de casa” foram espelhos de bom comportamento, honestidade e bravura, como exemplos de dignos cidadãos.

Do ponto de vista sociológico, essa afirmativa nos remete novamente a questões de incorporação daquilo que é exterior ao indivíduo. Para Bourdieu, a família, funciona como uma instituição fundamental para a manutenção e reprodução do *habitus*. Esta é a primeira instituição a qual o indivíduo mantém contato e lhe ensina a interiorizar as regras de determinado contexto social de forma inconsciente, ensina o que deve ou não ser feito para se enquadrar a determinadas regras impostas pelo campo. Então, ter admiração pelo ofício do pai ou do tio não é uma simples escolha factual e sim uma exteriorização de uma interioridade.

Outro fator que merece ser destacado é o descompasso entre a vida fora do quartel e a inflexível rotina militar que resulta na vida social do policiais militares (para além do mundo da caserna). Esse tipo de dicotomia constitui um dos aspectos do **mundo policial**, muitas vezes difíceis de descrever e desagradáveis de assistir. Nesse sentido, “[o]s PMs privam de um saber especial e doloroso que, em boa parte, costuma ser partilhado somente com outros policiais e, às vezes, com seus familiares” (MUNIZ p.58).

O trabalho policial demanda certo sigilo, principalmente para aqueles que estão na frente de batalha, que lidam diretamente no confronto. Neste tipo de profissão não se pode dizer tudo o que se faz no trabalho, na verdade deve-se ter cuidado também com a própria vida, pois mesmo a paisano o policial deve estar atento ao que se passa ao redor, pois se um indivíduo em conflito com a lei identifica-o como policial este corre o risco de perder sua própria vida. Um dos policiais entrevistados afirmou que não perdeu a



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

vida, em um assalto porque a arma do bandido falhou no momento do disparo, como na linguagem nativa, bateu o catolé, ou melhor, sobreviveu “por conta da sorte”.

Ao falar da vida fora do quartel, alguns entrevistados disseram que seus vizinhos (os que sabem do seu trabalho policial) sempre os chamam para resolver os “problemas” da comunidade, mesmo estando fora do serviço, tanto por considerarem que estes atores sociais têm de resolver tais “problemas” por obrigação moral, como confiança que depositam em seu trabalho. Da mesma forma é muito comum a confusão em distinguir que as diferentes polícias que se apresentam (Tipo o Ronda do Quarteirão, Polícia Montada ou Batalhão de Choque) compreendem a uma polícia militar somente.

Perguntados como se sentem quando vestem o fardamento, os entrevistados exprimem o bem estar, a coragem e força que adquiriam ao “encararem este personagem”, com certo espírito guerreiro:

“É engraçado, quando eu tava fazendo o meu recrutamento, um dos meus coordenadores dizia que assim quando a gente vestia uma farda de polícia a gente se sentia como um super-homem, na verdade, agora depois de um tempo a sensação não é propriamente como um super-homem não, mas sempre quando a gente se veste assim parece que você fica um pouco mais *adrenalizado* sei lá... a coragem vem com a consequência da farda”
(Depoimento do Oficial do Batalhão de Choque da PMCE 15/10/2010)

Vestir esse símbolo do Batalhão de Choque é transmitir ao mesmo tempo respeito e autoridade, para eles o respeito deve ser adquirido na sua relação com a população, no momento em que ela legitima o trabalho da polícia e recebe-os com respeito, e a autoridade estaria relativa ao modo pelo qual os “meliantes” encaram o trabalho policial. Perguntados sobre qual dos dois valores eles preferem ser reconhecidos, todos foram unânimes em responder que preferem ser respeitados pela população e temidos pelos “bandidos”.

Diante do que foi dito, deve-se ter em mente que trabalhar com a questão das representações sociais é analisar os discursos elaborados pelos informantes e entender em que contexto eles são recuperados, é perceber os conteúdos valorativos, que podem ou não ser impregnados de um senso comum. Tanto podemos analisar a partir do que é dito como podemos verificar as regularidades através do não-dito, o trabalho do



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

pesquisador é justamente traduzir o conhecimento da realidade estudada através do dito e do não-dito. Além disto, trabalhar com o ethos policial é entender de que forma esse habitus orienta a conduta desses atores sociais em situações cotidianas, dentro e fora do serviço.

Nesse sentido, podemos retomar as idéias de Erving Goffman a cerca da representação do eu na vida cotidiana. No seu estudo, o autor busca rever os modos de interações sociais entre os indivíduos. Tendo como base a idéia de “micro-interação”, o autor analisa pequenos grupos em momentos e espaço específicos. Para este autor, as informações disponíveis sobre um indivíduo pode dar pistas para a elaboração de um conhecimento prévio das expectativas que fazemos sobre ele e do que ele espera dos demais indivíduos. Entretanto, se este ator social for desconhecido, nossas interpretações e informações se basearão por sua postura, sua conduta, e mais, pela sua aparência, como formas que possibilitam a interação com as experiências prévias com o estereotipo.

Para Goffman, o indivíduo pode agir de forma consciente produzindo uma imagem teatralizada, no sentido de dar uma determinada impressão para colher respostas que lhe interessa, como pode agir inconscientemente, com seu comportamento moldado pelo seu grupo social ou a tradição que pertence. Nesse sentido, os símbolos influenciam alguns policiais a idealizar a Polícia Militar como uma instituição mais preparada, digamos “especializada” para combater a criminalidade.

Contudo, levando em consideração também as situações de extrapolação do direito policial com o uso excessivo da força, alguns dos entrevistados foram contundentes em afirmar que certas práticas exigem um esforço significativo do uso controlado da força, entretanto, eles não falam propriamente de abusos autoritários, mas da possibilidade de aplicar sanções conforme a lei “como parte estrutural do ethos e da cultura organizacional predominante nos modelos de polícia em vigor. Nesse caso, está em questão o caráter de legitimidade/ilegitimidade da violência como parte da função policial.” (GROSSI, 2004, p.132)

Outro ponto relevante e que merece certo destaque é a presença do *medo* nas situações a qual estão submetidos ao confronto direto. O então dito risco da profissão



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

está estritamente ligado a situações iminentes de perigo no qual suas vidas estão em jogo. Sobre esta questão tomamos a seguinte proposição: “o medo [...] [é] um dos ecos mais significativos da violência. As situações empiricamente observadas [...] conduzem qualquer empreendedor de uma análise sociológica a refleti-lo como uma construção social” (FREITAS, 2003, p.101).

Nesse sentido, ressaltamos que esse vem sendo experimentado, internalizado e expresso de forma individual e coletiva por estes indivíduos e aparece como um fenômeno que pretende condicionar e regular as relações sociais dos mesmos. O medo como produção social é fundamentado em um jogo de atributos em oposição às representações de coragem e valentia. Esse sentimento perpassa todos os segmentos sociais, de forma que, a forma pelo qual é construído, seu significado e a maneira como se expressa é que vão dar sentido aos sistemas simbólico dos sujeitos.

Na polícia militar o medo esta presente nos próprios riscos que a profissão comporta, como dito anteriormente, o de perder a vida ou se envolver em ações indevidas. O sofrimento por sua vez e é sustentado pela perspectiva da violência simbólica, pelo uso do seu poder representativo. Vejamos estas falas que expressam situações em que o medo está presente:

“Tive bastante medo quando fomos a uma rebelião no IPPS, nós descobrimos que os presos tinham feito um túnel de 50 metros... O buraco era bem pequeno e só dava para passar uma pessoa de cada vez, quando entramos lá no túnel vimos que cabia muitos presos em pé, acho que se a gente não tivesse achado o buraco tinham fugido uns 800 homens. Então, eles tinham construído uma parede falsa ao lado do buraco, tipo para se esconder caso a gente achasse. Quando eu olhei para a parede notei dois corpos deitados todos sujos de areia. Ali eu tive medo, porque tinham dois bandidos deitados lá e como só tinham entrado eu e outro policial eles poderiam ter me pegado de surpresa e acabado com a nossa vida. Eles estavam com tipo uns punhais e por pouco não nos pegaram, acho que também tiveram medo né? Porque se o corpo do Major fosse encontrado morto ali eles também seriam mortos. Aí não ia ter perdão” (Depoimento do Oficial do Batalhão de Choque da PMCE 27/08/2010)

“Eu sempre tenho medo de morrer, mas uma que eu cheguei bem perto foi numa rebelião que eu tive que adentrar, primariamente assim no IPPS, isso



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

faz uns seis ou sete anos. Explodiu uma rebelião e a minha viatura tava perto, eu tava com o Oficial responsável e a gente teve que dar o primeiro combate e a gente chegou e tinham mais de 1500 amotinados e muito fogo... os caras tacaram fogo em tudo, fizeram bloqueio com mesas, entraram na cozinha e se apossaram de facas pegaram reféns, tomaram armas dos policiais. Então foi uma situação complicada. Como eu cheguei com duas composições só, então éramos oito nessa época e mais uns três ou quatro policiais que já estavam no presídio, a gente teve que fazer o primeiro ‘adentramento’ e o Governador ainda não tinha nem autorizado e a gente tinha que começar logo porque o negócio tava complicado e aquelas vozes assim sem saber da onde vinha, dizendo que ia matar a gente e muito fogo, você não sabia nem o que tava acontecendo e fumaça e você entrar num corredor estreito sem saber o que vai ter lá na frente, nessa hora eu me senti assim... Só Deus mesmo para ajudar” (Depoimento do soldado do Batalhão de Choque da PMCE 15/10/2010)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho policial há décadas vem ganhando espaço acadêmico como uma questão complexa que merece atenção, principalmente no que se refere ao “poder de polícia”. Além de fazer parte da agenda política, este é um assunto que preocupa sociólogos, psicólogos e entre outros profissionais em todo o mundo. Nos Estados Unidos, Canadá e Inglaterra, por exemplo, países que dispararam em relação à tradição democrática dos direitos civis têm acompanhado reformas estruturais nas suas agências de polícia. Foram as doutrinas e os procedimentos normativos, seguidos dos mandatos e as missões que as novas tecnologias e os modelos de uso da força foram reestruturados. Nesse sentido, começou-se a discutir as mudanças desses paradigmas através de produções científicas.

No entanto, somente a partir dos anos 90 e após o longo período de ditadura militar, este assunto ganhou destaque na comunidade acadêmica brasileira, merecendo a visibilidade da sociedade civil e da política. Primeiramente essa temática esteve ligada a “construção” de uma segurança pública democrática que buscava reavaliar e redefinir o trabalho dos operadores de segurança, sobretudo, as agências policiais, mas como explica Muniz: “[mas] curiosamente, à margem do processo de consolidação da democracia vivido no país” (1999, p. 256)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Em outro plano, os estudos contemporâneos sobre as organizações policiais seguiram no sentido de perceber os processos pelos quais os indivíduos tomam suas decisões, ou melhor, tratam do uso discricionário do poder de polícia. Assim foi possível entender os usos das formas de controle difuso e o modo de imposição de poder através do exercício abstrato do “poder de polícia”. Sobre esta questão, este trabalho seguiu o plano proposto por Sá de entender, na medida do possível, os processos de construção de uma imagem idealizada de policiamento especializado a partir de seus atores sociais.

Devemos ressaltar e localizar as limitações que este estudo se propôs, balizado pelo próprio método científico que nos obriga a “recortar” o objeto a ser estudado, de forma que “nunca atingimos a verdade dos fatos: nosso resultado será sempre marcado pela perspectiva que adotamos” (MINAYO; SOUZA, 2003, p.327). É importante destacar, através de aspectos intersubjetivos e situados em um tempo e um espaço específico, que a interação observador e observado estabelecem uma relação de dependência em que se pretende entender determinada realidade social. Desse modo, “os resultados aqui apresentados são uma versão possível dos processos estudados, e, enquanto tal, eles constituem uma verdade [...] provisória” (IDEM, p. 327).

Através das narrativas policiais pudemos entender como os valores militares são capazes de produzir além de um discurso homogeneizante o senso de missão e um *ethos* próprio, fatores também destacado por Muniz ao longo de seu trabalho. As representações destes atores sociais giram em torno de uma posição parcial diante da Companhia, sempre em uma espécie de defesa das atitudes dos policiais. Nesse sentido, estes atores sociais responderam aos questionamentos sem muitas restrições. Nossa intenção nesta pesquisa foi entender como estes indivíduos percebem sua profissão e como estas representações “criadas” ou “rememoradas” podem explicar um pouco do contexto do trabalho policial especializado.

As reclamações sobre o próprio ofício são comuns ao de qualquer Batalhão da Polícia Militar, ou seja, são problemas estruturais que envolvem este setor público que são as más condições de trabalho, a baixa remuneração, o medo de perder a vida em um confronto, falta de recursos materiais e humanos para o desenvolvimento do trabalho. Há uma significativa cobrança sobre esses policiais no que se refere ao compromisso



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

com a Instituição e os deveres militares, para os integrantes do Batalhão de Choque, estar lá representa honra e equilíbrio.

No Batalhão de Choque, as normas e condutas impostas a estes indivíduos buscam tornar o grupo mais homogêneo possível, criando uma coesão através da incorporação de valores e atitudes policiais. Os rituais diários de passagem de serviço e treinamento além de os deixarem mais preparados tecnicamente funcionam como uma forma de reavivar o sentimento de pertencimento deste grupo. A tônica destes treinamentos e desse sentimento de pertencimento é baseada na rigidez e disciplina militar. Os símbolos, como a heráldica, a farda camuflada e a própria boina vermelha que carrega consigo o brasão do BPChoque também costumam dar um ar fantasioso de heroísmo e estimula a valorização do capital policial.

Apesar das diversas atribuições que recai sobre esse setor da segurança, no qual os policiais estão sujeitos a acidentes e incidentes, gerados por conflitos e dramas familiares a qualquer tempo em espaço privados e públicos, é imprescindível uma atuação policial pautada nos direitos civis, atualmente não é tolerado as arbitrariedades policiais e mais, cobra-se uma atuação no mínimo satisfatória e adequada, dentro do limite da legalidade e legitimidade da ordenação policial.

Alguns pontos suscitados ficaram sem grande visibilidade neste contexto devido à complexidade do tema e dos diversos atributos que a polícia carrega consigo. A intenção era ter uma visão multifocada sobre os diversos aspectos do trabalho policial, entretanto é natural que poucos destes assuntos fiquem descobertos, como a questão do choque de realidade do que é apreendido nos cursos de formação e o próprio trabalho cotidiano.

Os diálogos mantidos com estes policiais propiciaram uma visão abrangente acerca do seu trabalho. Nesse sentido foi importante perceber como estes atores sociais constituem idéias de valor como honra, coragem e medo, analisando como estes elementos podem ser representativos através do modo como se expressam em seu ambiente de trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

BARREIRA, César. **Questão de segurança:** políticas governamentais e práticas policiais. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política, 2004.

BAYLEY, David H.; SKOLNICK, Jerome H. **Policimento comunitário:** questões e praticas através do mundo . São Paulo: EDUSP, 2002.

BITTNER, Egon. **Aspectos do trabalho policial.** São Paulo: EDUSP, 2003.

BRETAS, Marcos Luiz. **Ordem na Cidade:** o exercício cotidiano da autoridade policial no Rio de Janeiro, 1907-1930. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

BRASIL, G. et all. Da unificação do comando da segurança pública à integração das policias no Ceará. In: BARREIRA, César. **Questão de segurança:** políticas governamentais e práticas policiais. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo.** Petrópolis: Vozes, 1997

FERREIRA, M. C.; MENDES, A. M. :”**Só de pensar em vir trabalhar, já fico de mau-humor?**: atividade de atendimento público e prazer-sofrimento no trabalho”. In: Estudos de Psicologia, v.6, n.1, p.93-104, 2001

_____. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão . 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

FREITAS, Geovani Jacó de. **Ecos da violência:** narrativas e relações de poder no Nordeste canavieiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana.** 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1985.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

MINAYO, C. S.; SOUZA, E. R. **Missão Investigar:** Entre o ideal e a realidade de ser policial. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

MONJARDET, Dominique; BARROS, Mary Amazonas Leite de. **O que faz a polícia.** ed. rev. São Paulo: EDUSP, 2002.

MUNIZ, Jaqueline. **Ser policial é, sobretudo uma razão de ser** - Cultura e Cotidiano da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro. IUPERJ, 1999.

MUNIZ, Jacqueline e PROENÇA JÚNIOR, Domício. “Administração Estratégica da ordem Pública”. **Lei e Liberdade.** Comunicações do Iser. Rio de Janeiro, 1997.

PORTO, Maria Stela Grossi. **Polícia e Violência:** representações sociais de elites policiais do Distrito Federal. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v18n1/22235.pdf>> Acesso em: 15 ago. 2010.

_____. **Mídia, segurança pública e representações sociais.** Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v21n2/v21n2a10.pdf>> Acesso em: 27 ago. 2010.

SA, Leonardo Damasceno de. **Os filhos do estado:** auto-imagem e disciplina na formação dos oficiais da Polícia Militar do Ceará . Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.